

DOS CONFLITOS ÉTNICO-
SOCIAIS AO EXTERMÍNIO.
REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS
DO HOLOCAUSTO NO
CONTEXTO DA II GUERRA
MUNDIAL

*From ethno-social conflicts to extermination.
Literary representations of the Holocaust in
the context of World War II*

ROSÁRIO NETO MARIANO

mariarosariomariano@yahoo.fr

*Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX,
Faculdade de Letras*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3588-0672>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_5

Texto recebido em / Text submitted on: 31/07/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 09/11/2023

Biblos. Número 9, 2023 • 3.^a Série

pp. 111-133

RESUMO

A partir da década de 30 do século XX, o nacional-socialismo e o nazismo passam a dirigir os destinos da Alemanha e, logo depois, da Europa. Estas ideologias inspiram-se no darwinismo social e no eugenismo, operando uma radicalização sem precedentes do racismo e do antisemitismo nas políticas sociais. No decurso da Segunda Guerra Mundial, a hostilidade e os conflitos étnico-sociais para com os judeus na Alemanha e, sobretudo, nos países europeus de Leste, onde a percentagem de judeus era mais relevante, atingem uma dimensão aterradora. Das perseguições aos atos de violência de todo o género, e da criação de guetos à deportação para campos de extermínio, ocorre aquilo que justamente se designou por Holocausto. Muitos foram os escritores que nos legaram narrativas escritas a partir das suas vivências dos campos de extermínio. Daremos voz a dois desses escritores: Primo Levi e Charlotte Delbo.

Palavras-chave: Conflitos étnico-sociais; antisemitismo; eugenismo; representações literárias; Holocausto.

ABSTRACT

From the 1930s onwards, National Socialism and Nazism led Germany's destiny and, soon after, Europe's. These ideologies are inspired by social Darwinism and eugenics, operating an unprecedented radicalisation of racism and antisemitism in social policies.

In the course of the Second World War, hostility and ethno-social conflicts towards Jews in Germany and especially in the Eastern European countries, where the percentage of Jews was more relevant, reach a terrifying dimension. From persecution to violence of all kinds, and from the creation of ghettos to deportation to extermination camps, what has rightly been termed the Holocaust occurs. Many authors have legated us written narratives from their experiences of the extermination camps. We will give voice to two of these authors: Primo Levi and Charlotte Delbo

Keywords: Ethnic-social conflicts; antisemitism; eugenics; literary representations; Holocaust.

As paixões desencadeiam-se, os mandamentos de Deus são desprezados, as casas de Deus, sagradas para outros, foram impunemente postas em chamas, a propriedade dos estrangeiros foi destruída e saqueada. Homens que serviram fielmente o nosso povo e preencheram conscienciosamente os seus deveres foram metidos em campos de concentração, unicamente pelo facto de pertencerem a uma outra raça.

Pastor Julius von Jan, de Oberlenningen¹

Percorri o gueto. [...] É indescritível. Já não são seres humanos, são animais. A nossa missão deixou, por isso, de ser humanitária. Ela é agora cirúrgica. Goebbels, Lódz, 2 de novembro de 1939

A História tem mostrado, sem grande margem para dúvidas, que os conflitos étnicos surgem sempre de concepções supremacistas de um povo e/ou de uma cultura relativamente a outro/a, concepções essas que tendem a agudizar-se quando a pretensa superioridade e supremacia são ameaçadas por diversos fatores, entre os quais, uma derrota em conflitos bélicos relevantes, com perda significativa de territórios e prerrogativas, e a conquista de emancipação e de elevado estatuto socioeconómico e cultural do povo antes minorizado, no panorama mundial.

A trajetória do povo judeu sob o jugo do antigo Egito e da Roma imperial, e, mais tarde, no seio da Europa cristã – católica, protestante ou ortodoxa –, evidenciam este fenómeno complexo a diversos títulos. Alvo de um longo processo de diabolização decorrente da sua identificação com a etnia responsável pela morte de Cristo, que além disso negara como filho de Deus, o povo judeu foi sendo mais ou menos tolerado no continente europeu, em grande parte devido a uma atitude conciliadora e à sua condição de minoria étnica, predominantemente endogâmica e de práticas religiosas não proselitistas. As suas tradições e costumes próprios eram vividos sobretudo em contexto familiar ou no interior da sinagoga, residindo aliás, com frequência, nos designados

¹ Esta citação encontra-se, originalmente, na obra do teólogo alemão, Hans Küng (1991), *Das Judentum*, Munique, Piper, 1991: 300; tendo sido consultada em Poliakov, 1997: 84.

bairros judeus das cidades. Apesar disso, esta comunidade via-lhe negados muitos direitos e o exercício de várias profissões.

Até ao século XIX, não se podia propriamente falar de ideologia antisemita, mas antes de judeofobia, explícita ou latente. Houve, sem dúvida, à escala europeia e antes da escalada de antissemitismo na Rússia dos *pogroms* e na Alemanha nazi, muitas publicações, caricaturas jocosas e afirmações caluniosas relativas aos judeus, bem como todo um histórico de atitudes segregadoras de origem étnico-religiosa, para com os judeus, mesmo quando já muito laicizados e afastados, portanto, das práticas religiosas e desse proclamado desígnio bíblico de “povo eleito” por Deus, que tantos ressentimentos ajudou a causar. Não obstante, dificilmente se encontrará uma caracterização da “judeidade” eivada de um desprezo e hostilidade tão impressionantes, como estas afirmações de Hitler demonstram claramente:

Há dois homens frente a frente: o homem de Deus e o homem de Satanás. O judeu é o contrário do homem, o anti-homem. O judeu é a criatura de um outro deus. Deve provir, não há dúvida, de uma raiz diferente do tronco humano. Se puser frente a frente o Ariano e o judeu e chamar ao primeiro um ser humano, terei de dar um nome diferente ao segundo. O que os separa é tão importante como o que separa o animal do homem. O que não quer dizer que eu chame ao judeu um animal. Está ainda mais longe do que este último de nós, os Arianos. É um ser estrangeiro, distante da natureza. (Poliakov, 1997: 83)

Por seu lado, Adolf Eichmann e Alois Brunner, responsáveis pelo planeamento e/ou execução do Holocausto, fizeram declarações, já depois da Guerra, e antes do seu julgamento, que são bem elucidativas da persistência desta natureza de sentimentos para com o povo judeu. O primeiro confessou: “Continuo a defendê-lo (a Hitler). Não me renegarei e não sentirei o mínimo remorso”²; o

² Trata-se de uma frase retirada da obra de Joel Brand (1961). *Adolf Eichmann*. Munique/Franckfurt: 67 (Poliakov, 1997: 91).

segundo, em perfeita consonância, afirmou não poder sentir remorsos de ter “eliminado essa coisa” e que os judeus “mereceram todos a morte, porque são agentes do Demónio”³.

Entre os países europeus, a França iluminista e revolucionária fora a primeira nação a emancipar os judeus, em 1791. Rapidamente este processo emancipatório se estende a toda a Europa ocidental, sendo mais lento na Europa oriental, onde viviam cerca de três quartos dos judeus europeus. Decorrente da modernidade europeia e da importância atribuída na época às nacionalidades, nascia então a modernidade judaica, caracterizada pela secularização, o surgimento do sionismo e por uma pujança cultural, social e económica que, no seu conjunto, provocam alguma fricção nos europeus. Em vésperas da Primeira Guerra Mundial, as comunidades judaicas constituíam uma das mais criativas e bem-sucedidas minorias da época, suscitando este êxito uma forte concorrência no seio das classes burguesas europeias – habituadas às suas prerrogativas étnicas e privilégios sociais –, a qual rapidamente se converte em ressentimento, inveja, rejeição e ódio, sentimentos que desencadeiam um poderoso movimento antissemita, com origem na Alemanha e na Rússia czarista. Concretamente, em Dresden, em 1882, tem lugar um congresso internacional antissemita, e na Rússia, em 1903, é publicada a famosa brochura designada por *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, verdadeiro compêndio do ódio antijudaico, que tipificava a mais insidiosa teoria conspiratória porventura atribuída ao povo judeu, acusado de se aliar à maçonaria e ao bolchevismo, com o propósito de dominar o mundo. Traduzido rapidamente em diversas línguas, inclusive o árabe, será leitura assídua de Hitler e Goebbels. Na década de trinta do século XX, essa “conspiração” teria evoluído, alegadamente, no sentido de enfraquecer deliberadamente a Alemanha. Neste país, bem como na Roménia e na Hungria, são desde logo aplicadas leis antissemitas, mas um pouco por toda a Europa, na América do Norte e nos países árabes, o antissemitismo vai conquistando terreno.

³ Trata-se de expressões retiradas de Didier Epelbaum; Aloïs Brunner (1990). *Aloïs Brunner, la haine irréductible*. Paris: Calmann-Lévy: 302 (Poliakov, 1997: 91).

Na ideologia nacional-socialista, o sentimento de pertença a uma “raça superior” andava a par com o ódio ao judeu, pois além de ser considerado um parasita da Alemanha e dos países ocupados, temia-se nos seus êxitos uma forte concorrência aos alemães e um claro desmentido à sua pretensa inferioridade étnica. Já em vésperas da Primeira Grande Guerra, em resultado da emancipação que lhe fora concedida e do nascimento da modernidade judaica, os judeus constituíam uma das minorias mais criativas e culturalmente dinâmicas do seu tempo, destaque pouco consentâneo com o antissemitismo racial/étnico crescente, baseado no “mito ariano”. A estes motivos, viria a associar-se o ressentimento dos vencidos da Primeira Grande Guerra e dos europeus que a grande crise da década de 30 arruinaria.

Entre 1880 e 1914, por exemplo, a riqueza da vida intelectual em Viena atesta uma centralidade desproporcionada em relação à importância da minoria judaica (200 mil pessoas em 1914). Pense-se em Mahler, Schnitzler, no jovem Zweig, em Schönberg, Freud ... Passa-se o mesmo na Alemanha pré-1933, onde cerca de um prémio Nobel em cada três é atribuído a um judeu. [...] Na Europa dos anos 1930, os “Judeus” são o alvo dos estratos sociais que conhecem a ruína. O arrebatamento paranóico que é o anti-semitismo desempenha então um papel redentor: «É preciso que eles morram para que nós possamos viver». Quando o ressentimento [...] conquista os derrotados de 1918, a violência fixa-se na representação fantasmagórica criada pela história ao longo dos séculos. É então que, de uma ponta à outra do continente, a imprensa, a literatura e os propagandistas anti-semitas apontam o dedo aos Judeus, como quem apela a um ritual de purificação. (Bensoussan, 2022: 13, 19)

Acresce ainda a crença conspirativa, sobretudo entre 1933 e 1939, na ameaça de uma sovietação da Alemanha, “planeada” por judeus e bolcheviques. No conjunto, estes aspetos formam o rastilho para as políticas de exclusão em larga escala implementadas no *Reich*, bem como para as medidas de “higiene racial” (*Rassenhygiene*) e “reprodução seletiva” inspiradas no naturalismo eugenista de Francis Galton e Alfred Ploetz, bastante pujantes

a partir da década de 80 do século XIX. Nesse sentido, a primeira “indústria do extermínio”, com a aplicação dos programas T4 e 14F13, a partir de 1939, consistirá na eliminação dos alemães (arianos ou judeus) considerados fracos, inaptos e inúteis para a glória da nação, ou seja, as pessoas (crianças ou adultos) portadoras de deficiências físicas ou doenças mentais, os doentes incuráveis ou as crianças com poucas probabilidades de virem a tornar-se adultos⁴.

Todos eles eram registados oficialmente, por meio de uma comissão do *Reich* e sob a tutela do Ministério da Administração Interna. No seu conjunto, estes programas convertem-se em matriz ideológica e propedêutica do extermínio massivo dos judeus nos guetos e, pouco tempo depois, nos campos de concentração. O nacional-socialismo nazi, fortemente marcado, por conseguinte, pelo darwinismo social e pelo eugenismo – que preconizavam o primado da biologia e do legado genético sobre qualquer outro critério –, pusera, de facto, em marcha, já a partir de 1933, o programa de detenção e internamento de judeus em guetos e campos de concentração, como “aviltadores da raça”⁵, designadamente em Dachau, Breitenau, Osthofen, Lichtemburgo, para referir apenas alguns.

Com mais de dois milhões de judeus sob a sua alçada, a Alemanha cai na sua própria armadilha na Polónia. Obrigada a improvisar, numa política de tentativa-erro, cria os “guetos”. Entre o Outono de 1939 e a Primavera de 1942, os judeus são reunidos em bairros separados, privados de qualquer comunicação, lentamente esfaimados e psicologicamente destruídos, ao mesmo tempo que ignoram o destino que lhes está reservado. Este ajuntamento forçado é de matriz genocida: «Já é tempo de atirar estes vermes para os guetos. Aí, as doenças espalhar-se-ão e eles acabarão todos por morrer», afirma Himmler, em Novembro de 1939.

(Bensoussan, 2022: 42)

⁴ Veja-se, a este respeito, o seguinte estudo minuciosamente documentado: Michael Tregenza (2011: sobretudo caps. 7, 8, 16, 17).

⁵ Sobre esta problemática de vasta incidência social e societal, veja-se Wünschmann, 2016: 77-122.

Inúmeros são os depoimentos de ideólogos nacional-socialistas e as invetivas de oficiais do exército nazi que se referem aos povos ou etnias (raças) “inferiores”, como os ciganos, os próprios eslavos e, mais do que todos, os judeus. Na sua obra *Mein Kampf*, Hitler afirmara, sem qualquer racionalidade ou veracidade histórica, que em toda a História, nunca tinha havido na vida social qualquer facto ignóbil ou imundo ao qual um judeu, pelo menos, não estivesse associado. Em idêntico sentido, o marechal alemão Von Reichenau, observa, no dia 10 de outubro de 1941: “Aquele que luta nos territórios do Leste não é meramente um soldado [...] é também o portador de uma impiedosa ideologia nacional [que] deve incluir as necessidades de uma vingança severa, mas justa, contra esta humanidade inferior que é a judiaria.” (Bensoussan, 2022: 58). Por seu lado, as designadas leis de Nuremberga, promulgadas em 1935, especificavam que tinham sido criadas “para a protecção do sangue alemão e da honra alemã” (Bensoussan, 2022: 38). Contudo, esta medida não será suficiente. Em 1940, o conhecido Projeto Madagáscar é concebido com a determinação de separar radicalmente os judeus dos alemães; uma vez deportados e isolados nessa ilha, os casamentos mistos e a “contaminação da raça ariana” seriam inviáveis. Paralelamente, nos futuros territórios ocupados do Leste da Europa, proceder-se-ia à separação dos judeus por sexos, com o propósito de lograr a “extinção da raça”, tendo-se mesmo projetado, ainda em 1940, a sua esterilização em massa por meio de raios x.

Em 1941, Göring, ministro da Administração Interna da Alemanha, define como missão concreta encontrar uma solução radical para os judeus na zona de influência alemã na Europa, enquanto Rosenberg afirmará publicamente que a questão judaica passa pelo extermínio biológico de todos os judeus na Europa. O cerco vai-se apertando: são obrigados a usar a estrela de David amarela, proibidos de exercer quase todas as profissões, viajam de comboio em carruagens separadas, além de verem agora proibida a emigração. Por outro lado, espoliados de bens e de empregos, os judeus constituem uma poderosa fonte de rendimento para a Alemanha, ajudando indiretamente a financiar uma guerra que os aniquila.

Na Polónia ocupada, os alemães criam os guetos, à imagem dos campos que haviam criado em diversas regiões da Alemanha; vendo os seus direitos

cívicos progressivamente anulados, estarão também proibidos de viajar de comboio e frequentar jardins públicos. Os guetos, verdadeiras incubadoras de morte, com as suas diversas estratégias de sobremortalidade programada, serão uma antecâmara da “indústria de extermínio” que constituem os campos de concentração. Em 1941, é posto em marcha um genocídio à escala europeia, atingindo o seu clímax no ano seguinte, em que serão assassinados cerca de três milhões de judeus.

Incentivados pela doutrinação antisemita e contentes com a mudança na sua monótona rotina quotidiana, os SS atiravam-se aos presos. Kurt Khon recordou que os SS de Buchenwald o “receberam” e a outros judeus berlinenses com as palavras ameaçadoras: «Finalmente, cá estão vocês, seus porcos judeus. Vão todos ter uma morte miserável aqui».
(Wünschmann, 2016: 226)

O historiador Saul Friedländer, especialista do Nazismo e da *Shoah*, refere-se à complexa e pertinente questão da diferença entre o destino dos judeus e o das outras vítimas do nazismo, uma vez que muitos não-judeus foram assassinados por desideratos eugénicos, mas igualmente por motivações racistas, ideológicas ou políticas. Contudo, a diferença não reside tanto no número, já de si eloquente, quanto na intenção.

Não há outros grupos, para além dos Judeus, que o sistema decida exterminar totalmente, até ao seu último membro. Hitler torna-se o emissário de uma missão redentora. A Humanidade só poderá ser salva pelo desaparecimento *total* dos Judeus. No testamento político que Hitler redige, na véspera do seu suicídio, explica que a humanidade lhe pode estar grata por ter resolvido em parte a questão judaica. O documento termina com esta invetiva: «E, acima de tudo, continuai a luta contra essa peste, a judiaria internacional».
(Friedländer, 2017: 158)

Para designar a barbárie que era, na época, o seu quotidiano, entre os judeus deportados que falavam o *yiddish* surgiu primeiramente a palavra *khurbn*, que

significa destruição, depois substituída pela palavra *Shoah*, ou seja, catástrofe, a qual deveria, como propôs a ensaísta e académica franco-judia Rachel Ertel, ser traduzida por aniquilação, a fim de a diferenciar dos cataclismos naturais e involuntários nas suas consequências trágicas para a humanidade. Por seu lado, entre os alemães nazis direta ou indiretamente ligados aos campos de deportação e de extermínio, existia todo um léxico aviltante para caracterizar os judeus e a sua condição, de entre os quais o termo *stück*, ou seja, peças, que designava todos os indivíduos, mulher, homem ou criança, que eram transportados para os campos de trabalho e extermínio. *Aí*, havia toda uma engrenagem montada com a finalidade de os brutalizar, reificar, anular enquanto seres humanos, visando neutralizar-lhes o próprio sentido de pertença a uma comunidade, a uma fratria de membros ligados por um infortúnio comum. Muitas vezes, conseguiram-no. Mas em tantos casos diferentes, o pensamento e o sentimento do outro na sua dilaceração, o apelo do outro na prostração do rosto, no seu absoluto desamparo triunfaram da dimensão individual e egóica da dor, do que seria, na sua condição humanamente semelhante, a justificável não-resposta ou o alheamento desresponsabilizante face ao outro – no sentido e dimensão que o filósofo Emmanuel Levinas atribui a estas palavras.

Passa-se, assim, do que fundamentaria uma fenomenologia “egológica” da relação com o outro em situações-limite vivenciadas em comum, baseada na pura salvaguarda da sobrevivência de cada indivíduo em função de si mesmo, para uma atenção vígil e compassiva ao outro e agindo de imediato em seu benefício, quando as circunstâncias o permitiam – atenção que é anterior à ponderação da razão calculante sobre a liberdade de o não fazer.

Ce qui m’importe, c’est dans la responsabilité pour autrui comme un engagement plus ancien que toute délibération mémorable constitutive de l’humain. Il est évident qu’il y a dans l’homme la possibilité de ne pas s’éveiller à l’autre ; il y a la possibilité du mal. Le mal, c’est l’ordre de l’être tout court – et, au contraire, aller vers l’autre c’est la percée de l’humain dans l’être, un « autrement qu’être ». Je n’ai pas du tout la certitude que « l’autrement qu’être » soit assuré de triompher, il peut y avoir des périodes où l’humain s’éteint complètement, mais l’idéal de sainteté, c’est ce que

l'humanité a introduit dans l'être. [...] L'éveil à l'humain, c'est cela. Et il y eut dans l'histoire des justes et des saints.

(Levinas, 1991: 132-133)

Considerando as obras dos autores que privilegiámos neste estudo, Primo Levi e Charlotte Delbo, nelas encontramos testemunhos e representações/figurações literárias destas diferentes atitudes face ao outro, embora os textos de Charlotte Delbo privilegiem claramente, como veremos, o olhar altruísta, a emoção compassiva, o espírito comunitário, sobretudo entre as deportadas dos campos – atitudes, enfim, que caracterizam “os justos”, ou aqueles cuja humanidade íntima lutam por manter indefetível, mesmo nas situações-limite de sofrimento, humilhação e desumanização que os seus verdugos lhes impunham. Contudo, a par destas diferentes atitudes, estes autores, tal como muitos outros, acentuam a indizibilidade e incomunicabilidade enquanto atributos das vivências quotidianas dos campos de extermínio, constituindo elas, em si mesmas, uma espécie de limiar inaugural de uma nova ordem da barbárie: aquela que fora lenta e premeditadamente concebida para aniquilar nas suas vítimas a dignidade, a esperança, a resiliência e a própria identidade.

Então pela primeira vez nos apercebemos de que a nossa língua carece de palavras para exprimir esta ofensa, a destruição de um homem. Num ápice, com uma intuição quase profética, a realidade revelou-se-nos: chegámos ao fundo. Mais para baixo do que isto, não se pode ir: não há nem se pode imaginar condição humana mais miserável. Já nada nos pertence: tiraram-nos a roupa, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão, e se nos escutassem, não nos perceberiam. Tirar-nos-ão também o nome: se quisermos conservá-lo, teremos de encontrar dentro de nós a força para o fazer, fazer com que, por trás do nome, algo de nós, de nós tal como éramos, ainda sobreviva.
(Levi, 2002: 24)

Este texto, extraído da obra intitulada *Se isto é um Homem* [*Se questo è un Uomo*], do escritor judeu italiano Primo Levi, publicada pela primeira vez em 1947, inscreve-se, enquanto narrativa fragmentária de teor a um tempo

documental, testemunhal, autobiográfico, literário e filosófico, nessa categoria de obras inaugurais constitutivas da Literatura do Holocausto/*Shoah*, escritas ainda na década de quarenta por autores judeus de diversas nacionalidades, ou não-judeus, mas deportados por motivos políticos. Todos haviam vivenciado a realidade-limite da sobrevivência em diversos campos de extermínio que formavam o complexo de Auschwitz, ou em Dachau, Treblinka, Mauthausen e muitos outros situados em áreas de ocupação nazi. Refiro-me a autores como Robert Antelme, em *L'Espèce Humaine*; Elie Wiesel, em *La Nuit*; Anne Frank, em *Journal*; Charlotte Delbo, em *Auschwitz et après: Aucun de nous ne reviendra*; Sarah Kofman, em *Paroles suffoquées* (1987); e Paul Celan, na obra póstuma *Choix de Poèmes réunis par l'auteur* (Lefebvre, 1998), ou no conjunto da sua Obra poética.

São elas apenas algumas das vozes mais marcantes no que às representações ou figurações literárias do Holocausto diz respeito, nesse espaço de fuga no sentido musical do termo – tentativa de alcançar um sentido possível no indizível vivenciado, na diabolização de todo um povo e na patologia do extermínio, convertidas em ritual de purificação da raça ariana e cerimonial de propiciação da supremacia germânica sobre todas as nações, verdadeiro renascimento no esplendor wagneriano dos mitos revisitados.

Tais obras detêm, por conseguinte, um grau de referencialidade e representatividade máximo, ou seja, elas são, na sua maioria, massivamente validáveis pelos factos reais ocorridos nos campos de extermínio nazis – como o atestam as inúmeras obras de carácter histórico-documental escritas a partir das fontes disponíveis para estudo –, sem que por isso constituam meros espelhos do mundo que devolvessem de forma linear esses mesmos factos sem a intermediação da sensibilidade, da consciência retrospectiva, dos juízos críticos e dos densos silêncios do seu autor.

É interessante verificar a existência de paralelismos claros de conteúdo factual entre umas e outras, quando nos debruçamos sobre obras histórico-documentais e coletâneas de depoimentos de sobreviventes dos campos, como, por exemplo, o estudo coletivo publicado pela Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Milão, intitulado *Rappresentare la Shoah*, ou os estudos individuais, respetivamente, de Annette Wierviorka, *Déportation et génocide*,

entre la mémoire et l'oubli (1998), e Léon Poliakov, *Le Bréviaire de la Haine*, ou ainda obras de divulgação, como *Os últimos sete meses de Anne Frank*, de Willy Lindwer, *O farmacêutico de Auschwitz. Uma História secreta do Holocausto*, de Patricia Posner, *Os bebês de Auschwitz*, de Wendy Holden, para além de diversas séries televisivas ou filmes como *Holocausto*, *A lista de Schindler*, *O Pianista*, *A vida é bela*, *O rapaz do pijama às riscas*, entre tantos outros.

Porém, nas obras de memória e testemunho de cunho autobiográfico e/ou literário, ou seja, aquelas cuja representação ficcional advém de uma vivência direta das realidades do Holocausto – entre as quais destaco autores como Primo Levi, Charlotte Delbo, Sarah Kofman, Robert Antelme ou Paul Celan –, os seus autores debatem-se dramaticamente com as aporias que advêm do irrepresentável das vivências mais traumáticas. Entre elas figuram a exclusão e deportação do espaço vital, da comunidade social e profissional, o corte dos mais elementares laços de afeto, a inviabilidade de condições existenciais propícias às realizações do humano e, no seu clímax, o próprio corpo roubado, profanado, torturado, violentado de múltiplas maneiras, até à inviabilidade de permanência em vida. Como pensava Maurice Blanchot, ser judeu significa ser privado, de modo inteiramente real, das principais possibilidades de viver. Sobre memória e representação da *Shoah* e suas aporias, escreve ainda Alessandro Costazza: “Il carattere estremo de la Shoah non costituisce tuttavia un problema solo per la rappresentazione letteraria, ma mette in crisi anche alcune delle categorie tradizionali dell'estetica, quali ad esempio quelle della mimesi e delle catarsi” (Costazza, 2005: 16-17).

“Dever de memória”, pois, dos que, sem mérito evidente e tantas vezes no remorso, sobreviveram aos campos: permitir-se, obrigar-se a vivenciar de novo os ténues limites da Dor coletiva, memorial histórico e literário a todos aqueles cujo nome a História não reteve. Difamados, guetizados, espoliados, deportados, espancados, fuzilados, gaseados, despejados em valas comuns, queimados: velhos e crianças, saudáveis e doentes, mulheres aviltadas de todas as maneiras, trabalhadores escravizados ou cobaias de sinistras experiências, meros corpos sem alma de um outro *shéol*. Tarefa de Sísifo, imperativo de memória do que permanece radicalmente irrepresentável, irreduzível à palavra: representar o indizível.

A sua vida é breve, mas o seu número é enorme; são eles, os *Muselmänner*, os que sucumbem, a coluna vertebral do campo; eles, a massa anónima, continuamente renovada e sempre idêntica, dos não-homens que marcham e se afadigam em silêncio; dentro deles apagou-se a centelha divina, já demasiado vazios para sofrer de verdade. Hesita-se em chamá-los vivos: hesita-se em chamar morte à sua morte, diante da qual não têm medo, pois estão demasiado cansados para poderem aperceber-se dela. Eles povoam a minha memória com a sua presença sem rosto, e se pudesse resumir numa única imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria esta, que me é familiar: um homem ressequido, com a testa baixa e os ombros curvados, em cujo rosto e em cujos olhos não se pode ler qualquer sinal de pensamento. (Levi, 2002: 100-101)

Para Levi, Delbo e os outros autores – alguns ainda no interior dos guetos e campos –, escrever converte-se, assim, em desígnio de resgatar do silêncio e do incógnito, corpos, rostos, gestos, atitudes, sussurros e gritos. As suas personagens são a um tempo individualizadas e coletivas, razão pela qual surgem amiúde diante do leitor destituídas de identificação onomástica, apesar dos tons violentos dos seus contornos, esgares e torsões, evocando as representações pictóricas expressionistas. Existe um *nós*, sujeito coletivo englobando o narrador-autor e uma imensa galeria de sujeitos indeterminados, dos quais frequentemente apenas ele possui a identidade. Além disso, elas oscilam, quase indistintamente, do plano da representação ficcional para o plano da realidade vivida, constituindo uma quase abolição de fronteiras entre um e outro, nesse singular processo de escrita que constitui uma das particularidades da narrativa de cunho autobiográfico. É essa oscilação quase indistinta de planos que confere às narrativas de Levi e de Delbo uma força de impacto e um poder de sugestão tão impressionantes sobre o narratário-leitor; tais características explicam que, mau grado os compreensíveis e tão sublinhados obstáculos à comunicabilidade, as suas personagens circulem diante de nós como seres de carne e osso, dos quais sentimos as feridas, a angústia, o medo, o exaurir das forças, a desesperança, a fome e a sede extremas, a apatia, a raiva, a compaixão, os estados alucinatórios ou

alterações de consciência, a força, a debilidade, a cobardia, a desistência ou, de novo, a esperança de um amanhã de liberdade e fulgor. O próprio ritmo frásico nos sugere a cadência sincopada dos passos das personagens durante os trabalhos forçados, a sua respiração ofegante, os sobressaltos, a fadiga infundável, o desânimo ou, enfim, a espessura do silêncio, à noite, no interior das camaratas, afundado na fome, na dor, no frio.

Nesta obra de Primo Levi, a tentativa de redução do ser humano a matéria bruta, elementar, a pura força motriz sem alma nem arbítrio, sem valores para além da sobrevivência quotidiana, sem honra nem afetos, degradando-lhe pouco a pouco memórias e memória, não é, de modo algum, obnubilada ou edulcorada, tal como o não são as vitórias que, campo após campo, mês após mês, o mal absoluto obteve das suas vítimas, quando estas soçobravam na desonra de si mesmas ou no espanto da sua insuperável debilidade.

O homem que irá morrer hoje diante de nós tomou parte de qualquer forma na revolta. Diz-se que mantinha relações com os insurrectos de Birkenau [...] agora, já não há homens fortes entre nós, o último pende por cima das nossas cabeças [...] Pois, nós também estamos quebrados, vencidos: mesmo tendo sabido adaptar-nos, mesmo tendo aprendido finalmente a arranjar a nossa comida e a aguentar a fadiga e o frio [...] e agora a vergonha oprime-nos.
(Levi, 2002: 165-166)

Nas suas reflexões sobre a *Shoah*, Giorgio Agamben refere, a este respeito, o propósito de redução “do homem a não-homem”, visando colocá-lo numa posição muito inferior à de qualquer animal – ser vivo que era, aliás, olhado pelos deportados nos campos de extermínio como beneficiário de um estatuto de luxo que eles estavam longe de poder almejar. Mas esta redução à condição de não-homem está também presente nas traições que os designados judeus *prominenten* perpetravam contra os seus camaradas de infortúnio, facto atestado por diversos relatos, testemunhos e estudos sobre a vida nos campos, os quais têm uma clara correspondência em

personagens equivalentes das obras ficcionais-autobiográficas dos grandes autores acima referidos⁶.

Os proeminentes judeus constituem um triste e notável fenómeno humano. [...] Eles são o produto típico da estrutura do *lager* alemão: oferece-se a alguns indivíduos em estado de escravidão uma posição privilegiada, um certo bem-estar e uma boa probabilidade de sobreviver, exigindo em troca a traição da solidariedade natural para com os seus companheiros, e certamente haverá quem aceite. Este será subtraído à lei comum, e tornar-se-á intangível. [...] Sobreviver sem renunciar a nada do seu mundo moral, a não ser por poderosas e directas intervenções da sorte, só foi concedido a pouquíssimos indivíduos superiores, com vocação de mártires e de santos. (Levi, 2002: 101, 103)

As múltiplas tentativas de redução à não-humanidade estão patentes, de forma impressiva, nas representações de gestos e atitudes próprios de estados alterados de consciência, sobrevivendo no decurso do quotidiano nos campos de extermínio e das suas experiências-limite, dos quais muitos jamais regressariam. O próprio Levi acabará por se suicidar lentamente, como Celan e tantos outros após serem “libertados”, mas nunca reintegrados na vida “normal”.

Já há muitos meses que deixara de conhecer a dor, a alegria, o medo, a não ser naquela forma desligada e longínqua que é característica do *Lager*, e que se poderia chamar condicional; se tivesse agora – pensava – a minha antiga sensibilidade, este seria um momento extremamente emocionante. (Levi, 2002: 169).

Ora, quer a estrutura fragmentária do discurso, quer as aporias representacionais dos estados alterados de consciência presentes na obra de Levi,

⁶ Sobre o papel dos trabalhadores do *Sonderkommando* judaico, no processo de genocídio nos campos, veja-se Georges Bensoussan (2022: 76-90).

surgem de forma ainda mais pregnante em Charlotte Delbo. Ambas as obras, porém, brotaram do difícil equilíbrio entre a inviabilidade da representação (no sentido estético-literário do termo) e a impossibilidade de manter o silêncio num mutismo de refúgio ou de negação, ou seja, entre a indignação da palavra e a sua magnificência última.

Na obra-prima da autora, a trilogia intitulada *Auschwitz et après*, os fragmentos constituem uma verdadeira linguagem metafórica, a par das femininas personagens-vulto, sem nome nem rosto, amontoando-se no espaço opressivo e torturante de Auschwitz-Birkenau, campo de extermínio direcionado essencialmente para mulheres, na maioria judias, mas também clandestinas da Resistência francesa à Ocupação alemã e ao Governo de Vichy.

A obra *Aucun de nous ne reviendra*, aqui em foco, constitui o primeiro volume dessa trilogia, inscrevendo-se igualmente na categoria de obras inaugurais da Literatura do Holocausto/*Shoah*, mas escritas por autores não-judeus e deportados por motivos políticos. De facto, tal como tantos outros membros da Resistência francesa, comunistas, socialistas ou simplesmente cidadãos libertários, Charlotte Delbo foi deportada juntamente com 230 prisioneiras políticas, das quais apenas 49 sobreviveram às atrocidades do campo.

Não se trata de uma narrativa una, mas uma rede de fragmentos narrativos autobiográficos dotados igualmente de dimensão filosófica e, sobretudo, de uma funda dimensão poética captada numa escrita feita de luminosas e tenebrosas fulgurações, antecipando a escrita de Marguerite Duras, que claramente não lhe foi alheia, mesmo que esse legado não tenha, do meu ponto de vista, sido suficientemente sublinhado pela crítica literária. Por outro lado, a escrita de Delbo testemunha, da parte da narradora-autora, uma notável capacidade de se “outrar” ou de transcender a sua condição individual sombria, dirigindo preferencialmente o olhar para as/os companheiras/os de infortúnio no campo de Auschwitz-Birkenau, ao qual veio a sobreviver. Lembraria outro aspeto notável: o que poderia ter sido um memorial de tom plangente ou revanchista para com a vida e as circunstâncias da sua deportação – já que Delbo não era judia, mas uma francesa de origem italiana –, é antes uma rapsódia narrativa entretecida de emoções poderosas, mas contidas, de uma fraterna empatia pelos

companheiros de infortúnio que nunca adquire esse tom artificialmente da compaixão fácil.

No seu ensaio atrás citado, intitulado *Entre nous. Essais sur le penser-à-l'autre*, Emmanuel Levinas desenvolvia este conceito como um despertar para o outro para além do ser simplesmente pensante e da sua lógica egóica de autopreservação, do seu passado distante ou recente e dos seus parâmetros culturais, a fim de ir ao encontro do desconhecido, acolhendo-o no eu mais profundo, nesse gesto que poderá ser inscrito na experiência da *Hospitalidade* no seu sentido mais sublime, e que não cabe simplesmente numa representação, ainda que literária.

Dans la déposition par le moi de sa souveraineté de moi, dans sa modalité de moi haïssable, signifie l'éthique mais probablement aussi la spiritualité même de l'âme : l'humain ou l'intériorité humaine, c'est le retour à l'intériorité de la conscience non- intentionnelle, à la mauvaise conscience, à sa possibilité de redouter l'injustice plus que la mort, de préférer l'injustice subie à l'injustice commise et ce qui justifie l'être à ce qui l'assure.

(Levinas, 1991: 151).

Nesse sentido, ainda, jamais assistimos a um testemunho autocentrado e de autocomiseração por parte da narradora-autora, mas a um discurso despojado de efusões emocionais e lúcido, no qual o estoicismo se funde com a fraternidade compassiva, sobretudo para com os que tombavam de puro esgotamento físico ou psíquico, enfermidades que os conduziriam sem demora ao fuzilamento ou às câmaras de gás, não raramente após terem sido brutalmente espancados ou lançados aos cães. Esta violência psicológica e física, infligida repetidamente e com uma indiferença macabra, é sugerida ou figurada numa escrita sincopada, ofegante, por vezes violenta como o estalar implacável de um chicote. De novo, a narradora-autora assume a identidade de um sujeito coletivo de deportados, que acompanha em aflição, de pensamento fixo e mãos cerradas no horror e na compaixão impotentes, o cortejo pré-fúnebre de homens descarnados, sanguinolentos, de pupilas dilatadas e passos periclitantes, que o pescoço e a cabeça parecem puxar na exaustão

da marcha. E de seguida, outra imagem macabra: um homem de joelhos açoitado cinquenta vezes por um kapo, sob as ordens de um oficial nazi. Sob o ritmo sincopado da escrita, a sua pontuação iterativa sugere o sucessivo estalar do chicote, os seus silvos atrozes, o corpo da vítima sacudido até ao solo ao ritmo da violência dos golpes, o corpo coletivo dos companheiros presentes sacudido igualmente ao ritmo desses golpes, como que os sofrendo também, na carne e no espírito. E de novo uma imagem macabra: um homem forçado a caminhar com os caninos de um cão-polícia afundados na carne, avançando em silêncio, a mancha de sangue alastrando nas calças e o silêncio fúnebre cobrindo tudo, o próprio grito da vítima, demasiado exausto para ser audível. Perante o horror da cena, a narradora-autora convida-nos a olhar sem desviar os olhos, participando nessa fratria corajosa e compassiva e testemunhando o inimaginável. A violência extrema destas cenas é igualmente figurada pelos campos semânticos em que se inscreve o léxico selecionado: sintagmas nominais, verbos, adjetivação, modalização; cada um deles e no seu conjunto adquirem um poder de visualização semelhante ao de imagens vivas, seres humanos reais que estivessem entre nós e no interior da nossa sensibilidade, latejando e sofrendo em sintonia.

Les hommes suivaient avec peine. Ils étaient chaussés de soques de toile à semelles de bois qui ne tenaient pas aux pieds. [...] La tête et le cou tiraient les pieds. Dans leurs visages décharnés, les yeux brûlaient, cernés, la pupille noire. Leurs lèvres étaient gonflées, noires ou trop rouges et quand ils les écartaient se voyaient les gencives sanguinolentes. [...] Nous les regardions. Nos mains se serraient de pitié. Leur pensée nous poursuivait, et leur démarche, et leurs yeux. [...] L'homme s'agenouille. Croise les bras. Baisse la tête. Le kapo s'avance. Il a son bâton. [...] Cet homme qu'on bat avec le bruit d'un tapis qu'on bat. Il compte toujours. Le SS écoute s'il compte. C'est interminable, cinquante coups de bâton sur le dos d'un homme. [...] Sa tête touche le sol. Chaque coup donne à son corps un sursaut qui le disloque. Chaque coup nous fait sursauter. [...] Un homme qui ne peut plus suivre. Le chien le saisit au fondement. L'homme ne s'arrête pas. [...] Il n'a pas poussé un cri. Le sang marque les

rayures du pantalon. De l'intérieur, une tache qui s'élargit comme sur du buvard. L'homme marche avec les crocs du chien dans la chair. Essayez de regarder. Essayez pour voir.

(Delbo, 1970: 34-35, 95-96, 138)

Muitas das páginas de Charlotte Delbo parecem fazer-nos caminhar por uma interminável tundra, onde, por seu lado, múltiplas figuras femininas vão desaparecendo quase sem deixar rasto, e a cujas vozes anónimas ou delírios noturnos a autora-personagem deu Voz. Os próprios corpos surgem quase indiferenciados na sua reificação extrema, numa dor por vezes convertida em torpor e analgesia, emergindo de uma temporalidade labiríntica e petrificada, que nada projeta ou resgata por não possuir dimensão futurante. Nela, cada noite é semelhante a mil, na sua essência infindável.

Et la nuit est plus épuisante que le jour, peuplée de toux et de râles avec celles qui agonisent solitaires, pressées contre les autres qui sont aux prises avec les chiens, les briques et les hurlements, celles que nous trouverons mortes à notre réveil, que nous transporterons dans la boue devant la porte, que nous laisserons là, roulées dans la couverture où elles ont rendu la vie. Et chaque morte est aussi légère et aussi lourde que les ombres de la nuit, légère tant elle est décharnée et lourde d'une somme de souffrances que personne ne partagera jamais. Et quand le sifflet siffle le réveil, ce n'est pas que la nuit s'achève, [...] ce n'est pas la fin de la nuit pour celles qui délirent dans les revirs/ ce n'est pas la fin de la nuit pour les rats qui attaquent leurs lèvres encore vivantes/ [...] /c'est la fin de mille nuits et de mille cauchemars.

(Delbo, 1970: 92-94).

Enfim, a riqueza polissémica ou a beleza musical das palavras e a força sugestiva das imagens poéticas, a par da densidade de sentido dos silêncios, marcam o longo poema em prosa que fecha o livro, nessa noite infindável de memórias em conflito. Trata-se de um poema elegíaco de rara beleza, que em nós se grava como impossível memória e esquecimento, grito que em surdina ressoa, ampliado pelo eco das inúmeras anáforas, das interrogações sem res-

posta, da profusão de vogais abertas e de verbos de movimento, num crescendo até ao vórtice final em que o poema se abisma, para recomençar e se lançar nas fulgurações da memória – essas belas primaveras que jamais regressarão e onde, dir-se-ia, “les verds paradis des amours enfantines” baudelairianos eram ainda possíveis, sob os sons musicais e os risos e os cânticos ao sol. Mas de novo o poema se abisma, na perda da memória e dos rostos queridos; na morte, enfim. Na morte que esvazia o olhar, contorce os dedos, deforma as últimas palavras que penosamente afloram aos lábios de uma companheira de infortúnio, fazendo então tombar para sempre, no solo, o seu rosto exangue.

Loin au-delà des fils, le printemps voltige, le printemps frissonne, le printemps chante. Dans ma mémoire. Pourquoi ai-je gardé la mémoire ? Pourquoi avoir gardé le souvenir des rues aux pavés sonores, des fifres du printemps sur les bancs des marchands de légumes au marché, des flèches de soleil sur le parquet blond au réveil, le souvenir des rires et des chapeaux, des cloches dans l'air du soir, des premières blouses et des anémones ? Ici, le soleil n'est pas du printemps. C'est le soleil de l'éternité, c'est le soleil d'avant la création. Et j'avais gardé la mémoire du soleil qui brille sur la terre des vivants, du soleil sur la terre des blés. [...] Ma mémoire est plus exsangue qu'une feuille d'automne/ Ma mémoire a oublié la rosée/ Ma mémoire a perdu sa sève. Ma mémoire a perdu tout son sang. / C'est alors que le cœur doit s'arrêter de battre – s'arrêter de battre – de battre. [...] Elle a eu tout d'un coup la mort sur son visage, la mort violette aux ailes du nez, la mort au fond des orbites, la mort dans ses doigts qui se tordent et se nouent comme des brindilles que mord la flamme, et elle dit dans une langue inconnue des paroles que je n'entends pas.

(Delbo, 1970: 180-182)

No termo deste breve estudo, temos presente a pertinência do percurso nele feito com vista à contextualização histórica, política e ideológica das obras de Primo Levi e Charlotte Delbo, enquanto testemunhos autobiográficos e representações literárias do Holocausto, no decurso da Segunda Guerra Mundial. Tal contextualização explica, porém, o que jamais será justificável:

a génese e escalada do antissemitismo nazi, bem como do totalitarismo nacional-socialista na Europa de então, culminando na deportação dos judeus e de muitos ativistas políticos que resistiam a essa ideologia concentracionária. Por outro lado, a leitura dos documentos e estudos sobre esse contexto atestam a trágica veracidade das obras literárias ou simplesmente autobiográficas, escritas por autores sobreviventes do Holocausto. Este estudo, ao dirigir o foco para obras de Primo Levi e Charlotte Delbo, introduz ainda, mesmo se de modo ténue, uma perspetiva comparatista entre ambos, sobretudo no tocante ao modo como os respetivos narradores-autores se posicionavam face às atitudes, estados de consciência e emoções dos deportados nos campos de extermínio, mas igualmente no que respeita a natureza incomunicável e indizível do que essas vivências quotidianas nos campos tiveram de mais profundo, em consonância com o que se convencionou designar por experiências-limite.

Por outro lado, o Pensamento de Emmanuel Levinas harmoniza-se, em boa parte, com a perspetiva que, sobretudo, a narradora-autora e personagem de *Aucun de nous ne reviendra* adota nesta obra (como aliás na trilogia *Auschwitz et après*), no sentido fraterno do olhar sobre o outro sofredor, singular ou coletivo, amiúde privilegiado em detrimento do sujeito que narra, mas que igualmente experiencia esse terrível quotidiano nos campos de morte. Esse olhar primeiro, anterior ao movimento egóico da autopiedade e autopreservação é, para Levinas, apanágio do justo, do filantropo ou do santo, que como tal reerguem da desumanização reificante dos campos, a sempre resgatável humanidade. Juntamente com as observações sobre a linguagem, o ritmo, a singularidade impressiva dos textos, é esse o contributo essencial deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- Antelme, Robert (1957). *L'Espèce humaine*. Paris: Gallimard.
- Bensoussan, Georges (Org.) (2022). *Atlas do Holocausto. A execução dos Judeus da Europa, 1939-1945*. Trad. do fr. por Ana Cristina Câmara. Lisboa: Ed. Guerra e Paz.
- Costazza, Alessandro (2005). *Rappresentare la Shoah*. Milano: Cisalpino.
- Delbo, Charlotte (1970). *Aucun de nous ne reviendra*. In *Auschwitz et après*, I. Paris: Minuit.

Dos conflitos étnico-sociais ao extermínio.
Representações literárias do Holocausto no contexto da II Guerra Mundial

- Friedländer, Saul (2017). *Reflexões sobre o nazismo*. Trad. do fr. por Artur Lopes Cardoso. Porto: Porto Editora.
- Kofman, Sarah (1987). *Paroles suffoquées*. Paris: Galilée.
- Lefebvre, Jean-Pierre (Org.) (1998). *Paul Celan. Choix de Poèmes réunis par l'auteur*. Paris: Gallimard.
- Levi, Primo (2002). *Se Isto é um Homem*. Trad. do ital. por Simonetta Cabrita Neto. Porto: Público/ Col. Mil Folhas.
- Levinas, Emmanuel (1991). *Entre nous. Essais sur le penser-à-l'autre*. Paris: Grasset.
- Poliakov, Léon (Dir.) (1997). *História do Anti-Semitismo – 1945-1993*. Trad. do fr. por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Inst. Piaget.
- Tregenza, Michael (2011). *Aktion T4. Le secret d'état des nazis : l'extermination des handicapés physiques et mentaux*. Trad. do fr. por Claire Darmon. Paris: Calmann-Lévy.
- Wierviorka, Annette (1998). *Déportation et génocide, entre la mémoire et l'oubli*. Paris: Plon.
- Wiesel, Elie (1958). *La Nuit*. Paris: Minuit.
- Wünschmann, Kim (2016). *Antes de Auschwitz. Os judeus nos campos de concentração antes da Segunda Guerra Mundial*. Trad. do ing. por Miguel Mata. Lisboa: Ed.70.

